

A ELEGÂNCIA DA CLARICE LISPECTOR NA LITERATURA BRASILEIRA

Gilvan Dias Soares¹

RESUMO

Com o grande encanto literário e seus grandes escritores, Clarice Lispector se destacou e concatenou esse período literário que foi o modernismo. Uma breve análise do processo criativo de Clarice Lispector, dando ênfase a alguns aspectos metafísicos presentes em sua vida, mostrar que em sua carreira profissional houve um divisor de águas, onde retratou seu lado mulher e seu lado profissional. Contudo a grande escritora teve que se desempenhar para aderir seu lado mulher dona de casa e seu lado mulher profissional, conciliando tudo. Durante sua carreira profissional muitos foram os motivos para que a sociedade em geral tivesse orgulho de ter como escritora a Clarice Lispector, uma mulher de garra e fibra, pois soube trabalhar seu lado brasileiro para conquistar a todos, mesmo com diferentes meios de vida e de estilo, mas essa grande autora soube se valorizar e se aderir à nova escola literária, o modernismo. Este artigo retrata sobre a vida de Clarice, sobre o fluxo de sua carreira, sobre seu lado emocional, uma escrita hermética e autorreflexiva, no plano da narrativa, sem efeitos colocando em cena sua impotência de escrita.

PALAVRAS – CHAVE: Modernismo. Sociedade. Cultura.

ABSTRACT

With the great literary charm and his great writers, Clarice Lispector stood and concatenated this literary period was modernism. A brief analysis of the creative process of Clarice Lispector, emphasizing some metaphysical aspects present in your life, show that in his professional career was a watershed, which portrayed his wife side and his professional side. However, the great writer had to play to join your side woman housewife and her side business woman, reconciling all. During his professional career there were many reasons for that society in general be proud to have as a writer to Clarice Lispector, a woman of grit and fiber, it knew how to work his Brazilian side to conquer all, even with different walks of life and style, but this great author learned to appreciate and join the new literary school, modernism. This article depicts about life Clarice on the flow of his career, about his emotional side, a hermetic writing and self-reflexive, the narrative of the plan, with no effect by playing your writing impotence.

KEY - WORDS : Modernism . Society. Culture.

¹ Graduando do curso de Letras – português/inglês na Faculdade Capixaba da Serra.

1 INTRODUÇÃO

Entre os meados de 11 de fevereiro aos 17 dias do ano de 1922, no Brasil se destaca mais uma escola literária, a escola que chegou pra fazer um marco na literatura brasileira. Ela que começou com a semana de arte moderna, onde pode se destacar vários escritos e com ele formas diversificadas de escrita. Pois a nova tendência foi quebrar o concreto e diversificar as novas palavras e com isso a nova estrutura de poemas que tinham suas formas exatas.

Essa nova escola que vai se iniciando e progredindo com uma nova marca, um registro de que a literatura realmente deu uma avançada e com ela novos formatos. Essa literatura foi uma época onde marcou a liberdade de estilo, e com isso tinha uma aproximação da linguagem escrita com a linguagem falada, no início não foi fácil por que a sociedade em si não tinha uma nova visão de como seria essa escola literária, mas com o tempo tudo foi se ajeitando e tomando seu rumo.

Pensando em tudo isso, me advém classificar a literatura e seu gênero junto com Jobim (1987), onde esclarece esse fato e descreve, dizendo que:

A classificação da Literatura em gêneros, como toda classificação, é feita a partir de determinados critérios ou pontos de referência. Como na atualidade geralmente se admitem duas classificações para gêneros literários, isto significa que podem ser tomadas dois critérios distintos como base para a determinação de gênero a que pertence uma obra (JOBIM, 1987, p. 21).

Ao longo dessa nova escola literária, o modernismo que iniciou em 1922 foi dividido em três fases, mostrando e diferenciando cada uma delas, a primeira fase foi concretizada por ser mais radical e fortemente oposta a tudo que foi anterior, cheia de irreverência e escândalo, a segunda já foi mais amena, onde formaram grandes romancistas e poetas, a terceira fase seria a Pós – Modernista, como era conhecida por muitos autores, fizeram ao longo dessa escola um vai e vem, pois alguns autores se opunham de certo modo a primeira fase e com isso ridicularizava a escola em si, onde tinha ate um apelido de neoparnasianismo.

Diante de tanta diferença, a nova escola veio como um salto ao ar livre com vaías generalizadas e nesse aspecto Andrade (1974), retrata e descreve:

Mas como tive coragem pra dizer versos diante duma vaia tão bulhenta que eu não escutava no palco o que Paulo Prado me gritava da primeira fila das poltronas?...
Como pude fazer uma conferência sobre artes plásticas, na escadaria do Teatro, cercado de anônimos que me caçoavam e ofendiam a valer...
(ANDRADE, 1974, p. 231-255).

Durante essa fase do Modernismo, houve vários históricos e alguns deles foram: o início do século XX; o apogeu da Belle Époque. O burguês comportado, tranquilo, contando seu lucro. Capitalismo monetário. Industrialização e o Neocolonialismo. Em outro momento teve a abolição de todas as regras, onde o passado é responsável. O passado, sem perfil, impessoal, ou seja, a eliminação do passado. Vale ressaltar sobre a Arte Moderna. Inquietação. Nada de modelos a seguir. Recomeçar. Rever. Reeducar. Chocar. Buscar o novo: multiplicidade e velocidade, originalidade e incompreensão, autenticidade e novidade. E por fim a Vanguarda –

estar á frente, repudiar o passado e sua arte. Abaixo o padrão cultural vigente. Esses acontecimentos são importantes por que caracteriza uma nova escola e com ela seus atropelos durante sua passagem pelo ramo da literatura.

Dentre autores, escritores, poetas, romancistas vale ressaltar que no âmbito poético, surgiram uma geração de poetas que se concentraram às conquistas e inovações dos modernistas de 22. O maior passo dado, ou seja, a nova proposta foi defendida, inicialmente, pela revista Orfeu (1947). Assim, negando a liberdade formal, as ironias, as sátiras e outras brincadeiras modernistas, por que os poetas da geração 45 buscaram uma poesia mais equilibrada e séria.

Nesse assunto Cândido e Castello (1972), descreveram que:

Os poetas tiveram safra a princípio mais compacta e brilhante, constituindo a ala viva da “geração de 45”, que tem em comum o desejo de renovar a forma poética, tratando-a por vezes com um apreço formalista que levou a falar em neoparnasianismo. Tanto mais quanto adotaram frequentemente, em relação aos modernistas, uma atitude polêmica de negação, mesmo quanto lhes deviam como herança (CÂNDIDO; CASTELLO, 1972, p. 31).

A prosa tanto no romance quanto nos contos busca uma literatura intimista, de sondagem psicológica, introspectiva, com destaque para Clarice Lispector, onde a mesma abandona quase que completamente a noção de trama e detém – se no registro de incidentes do cotidiano ou no mergulho para dentro dos personagens.

Clarice Lispector é uma das autoras da terceira fase da geração 45, com uma das principais expressões da ficção brasileira, uma mulher que desde cedo já começa a fazer sucesso, sua primeira obra foi Perto do coração selvagem quando tinha seus 17 anos de idade, com essa obra fez com que a crítica estabelecesse novos critérios de avaliação, ou seja, a estrutura de seus textos subverte a estrutura de gêneros tradicionais narrativos.

Nesse mesmo pensamento a própria escritora Lispector (1992), adverte:

(...) basta eu saber que estou escrevendo para jornal, isto é, para algo aberto facilmente por todo mundo, e não para um livro, que só é aberto por quem realmente quer, para que, sem mesmo sentir, o modo de escrever se transforme (LISPECTOR, 1992, p. 112).

Quando se fala de obras Clariceanas, observa-se que a autora sempre quebra a sequência: começo, meio e fim, nos textos nota se a ausência de ordem cronológica. Em seus trabalhos encontra se constantemente a figura de linguagem entre elas a metáfora, antítese, paradoxos, símbolos e sonoridade. Se falando em Clarice Lispector e observando seu fluxo de consciência mostra se que é mais radical que a introspecção psicológica, onde procura desvendar o universo mental da personagem de forma linear, com espaços determinados e com marcadores temporais nítidos, ou seja, esse fluxo quebra os limites de espaço – temporais que tornam a obra verossímil. Por meio disso, presente e passado, realidade e desejo se misturam, os vários planos narrativos se cruzam sem preocupação com a lógica ou com a ordem narrativa.

Quando se esmiúça escritos das obras Clariceanas nota-se que entre os descritos se encontra: conflito de consciência, uma literatura intimista, um mergulho no mundo mental e sentimental das personagens, sondando-lhes os pensamentos, sensações e fantasias, com tudo isso observa – se que Clarice Lispector teve uma enorme participação no âmbito literário modernista.

Sobre todos esses assuntos Cândido (1970), ressalta que:

É dessa maneira que Clarice Lispector procura situar o seu romance. O seu ritmo é um ritmo de procura, de penetração que permite uma tensão psicológica poucas vezes alcançada em nossa literatura contemporânea. Os vocábulos são obrigados a perder o seu sentido corrente, para se amoldarem às necessidades de uma expressão sutil e tensa, de tal modo que a língua adquire o mesmo caráter dramático que o trecho (CÂNDIDO, 1970, p. 129).

Com os elementos citados anteriormente, justifica-se que Clarice Lispector fez um grande papel na literatura Brasileira, levando em conta sua vida particular, ou seja, sua vida de mulher, esposa e mãe, e ao mesmo tempo uma escritora cheia de vigor e de energia, onde pode desenvolver grandes trabalhos e conciliar com a vida íntima.

Para Lispector escrever é viver e com isso a autora de cujas obras magníficas iam-se desenvolvendo e a população foi conhecendo a escritora e suas obras, com isso, seus escritos foram se destacando e ganhando um público alvo, ou seja, muitas pessoas já iam a livrarias especificamente para comprar seus livros.

Em uma entrevista concedida ao jornalista Júlio Lerner, em 01 de fevereiro de 1977, para o programa “Panorama”, da TV Cultura, de São Paulo. O próprio jornalista fez a seguinte pergunta: Você acredita que uma pessoa vá a uma livraria comprar especificamente um livro de Clarice Lispector? E sem muitos rodeios a escritora responde:

Parece que isso acontece. Eu sei por que às vezes me telefonam e me perguntam em que livraria encontram meu livro. Então eu sei que tem pessoas que vão procurar exatamente o meu livro. É que no fundo eu escrevo muito simples, sabe? (LISPECTOR, 1997, Entrevista concedida na TV Cultura a Júlio Lerner).

Mesmo com todo esse privilégio ainda não caía a ficha de que ela era realmente uma escritora renomada, pois o mesmo jornalista fez a seguinte pergunta: Clarice, a partir de qual momento você efetivamente decidiu assumir a carreira de escritora? Sem pensar duas vezes ela diz:

Eu nunca assumi. Eu não sou uma profissional, eu só escrevo quando eu quero. Eu sou uma amadora e faço questão de continuar sendo amadora. Profissional é aquele que tem uma obrigação consigo mesmo de escrever. Ou então com o outro, em relação ao outro. Agora eu faço questão de não ser uma profissional para manter minha liberdade (LISPECTOR, 1997, Entrevista concedida na TV Cultura a Júlio Lerner).

Nesse mesmo pensamento delimita-se que mesmo não acreditando no seu potencial de escritora, ela fez um grande sucesso com seus escritos, e até hoje suas obras são lidas e discutidas entre leitores assíduos. Com seu estilo elegante de escrever ela conseguiu manipular mentes e até hoje isso é concretizado. A leitura de

suas obras não analisadas corretamente, os leitores ficam perdidos, pois a escritora abusou muito em mexer com o psíquico humano, pois suas obras transparece e deixa isso bem lúcido em linhas contínuas de suas obras.

Com tudo isso, Candido (1970), cita sobre Lispector e deixa claro que:

Para ela, como para outros, a meta é, evidentemente, buscar o sentido da vida, penetrar no mistério que cerca o homem. Como os outros, ela nada consegue, a não ser esse timbre que revela as obras de exceção e que é a melhor marca do espírito sobre a resistência das coisas (CÂNDIDO, 1970, p. 128).

Com esse método muitas pessoas a acham hermética, ou seja, uma escrita de difícil compreensão, mas lendo, analisando e meditando em suas obras consegui ter um bom entendimento do que se esta esmiuçando.

Com todo isso objetiva-se a desvendar a elegância da escrita, abordar sobre a Clarice Lispector de um modo em que mostre seu lado mulher, seu lado esposa/mãe e seu lado escritora, pois nos três momentos sua vida foi de pura intensidade e experiência, contudo ela nunca deixou seu lado escritora de lado para seguir seus outros atributos.

Desse modo, busca se desenvolver uma pesquisa bibliográfica, esse artigo expandirá sobre a vida da autora, para que todos possam conhecê-la melhor e serem capaz de apreciar um convívio diferenciado dos que estão acostumados a vê.

Segundo Ferrão (2007), o método bibliográfico esta relacionando com a pesquisa, pois:

Para o acadêmico, a pesquisa bibliográfica é a técnica mais importante, pois através dela, adquire-se e renova-se o conhecimento sobre um assunto. Através das consultas realizadas nas fontes bibliográficas, exercita-se a capacidade de leitura, análise, síntese, raciocínio lógico e interpretação; aprimora-se a criatividade e a capacidade de expressão escrita e oral; transforma o seu conhecimento empírico em científico; passa-se a ter mais confiança na ciência; prepara-se para o mestrado e doutorado (FERRÃO 2007, p.61).

O tema citado acima retrata alguns tipos de classificação: os exploratórios, os descritivos e os explicativos. Os exploratórios serão usados para explorar o material que será abordado no presente artigo.

Para Cervo (2007), usar o método exploratório é um dos passos fundamentais para o processo de pesquisa, onde descreve que:

A pesquisa exploratória não requer a elaboração de hipóteses a serem testados no trabalho, restringindo-se a definir objetivos e buscar mais informações sobre determinado assunto de estudo. Tais estudos têm por objetivo familiarizar-se com o fenômeno ou obter uma percepção dele e descobrir novas ideias. A pesquisa exploratória realiza descrições precisas da situação e quer descobrir as relações existentes entre seus elementos componentes (CERVO, 2007, p. 63).

O descritivo servirá para descrever toda a explicação que será explícita em todo o projeto, mostrando cada marca, ou seja, cada aspecto filosófico.

Contudo Cervo (2007), também descreve essa fase muito bem, pois descreve que:

A pesquisa descritiva observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los. Procura descobrir, com a maior precisão possível, a frequência com que um fenômeno ocorre, sua relação e conexão com outros, sua natureza e suas características. Busca conhecer as diversas situações e relações que ocorrem na vida social, política, econômica e demais aspectos do comportamento humano, tanto do indivíduo tomado isoladamente como de grupos e comunidades mais complexas. A pesquisa descritiva desenvolve-se, principalmente, nas ciências humanas e sociais, abordando aqueles dados e problemas que merecem ser estudados, mas cujo registro não consta de documento (CERVO, 2007, p. 61).

2 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CLARICEANA

Nos retratos que faziam sobre si Clarice Lispector se demonstrava uma mulher entrando para um meio diferenciado que era o mundo escritor, desde cedo já soube do que quis e soube fazer seu papel bem. Em meio a tanta dificuldade e agilidade, a Clarice ia-se destacando e mostrando que o possível seria bom, seria relevante e desafiador, foi em meio a tanta descoberta e redescoberta que a própria foi-se mostrando para o mundo e revelando as normalistas, destacando os atributos físicos.

Com essa mesma ideia ao se falar de suas qualidades. Pensaremos em consideração a ideia de Pesavento (1995), quando afirma:

A rigor, todas as sociedades, ao longo de sua história, produziram suas próprias representações globais: trata-se da elaboração de um sistema de ideias-imagens de representação coletiva mediante o qual elas se atribuem uma identidade, estabelecem suas divisões, legitimam seu poder e concebem modelos para a conduta de seus membros. Seriam, pois, representações coletivas da realidade, e não reflexos da mesma (PESAVENTO, 1995, p. 16).

Em meios a tantas descobertas, eram ressaltadas, também, as qualidades que a mulher deveria apresentar como futura esposa, mãe e mestra. E para a Clarice ser isso tudo, era meio tangente além de angustiante era prazeroso. Entre os atributos destacados apareciam com mais frequência: a fragilidade, a bondade, a alegria, a humildade, a modéstia e a amizade. Do mesmo modo, as habilidades manuais e a disposição para servir e sacrificar-se em prol do outro. Situações que eram apresentadas como “normais” por fazerem parte, segundo as normalistas, da “natureza” feminina e, assim, da mãe e da professora.

Nesse mesmo pensamento Louro (2008), afirma da seguinte forma:

Pretende-se, dessa forma, recolocar o debate no campo social, pois é nele que se constroem e se reproduzem as relações (desiguais) entre os sujeitos. As justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas (se é que mesmo essas podem ser compreendidas fora de sua constituição social), mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação (LOURO, 2008, p. 22).

Esses são alguns principais atributos, entre tantos outros considerados importantes na vida dela, na sociedade esses momentos eram histórico. Certamente, refletiam o que a sociedade esperava da mulher, ou seja, a concepção de mulher que tinham absorvido em suas vivências em sociedade com belas obras.

Bem distante de ser uma mulher qualquer na sociedade, Clarice Lispector era mais que especial, pois trabalhava e educava, educava no sentido de ser mãe, de ser uma mulher diferenciada na sociedade.

Por outro lado Bettencourt (1885), esclarece sobre essa lógica e descreve sobre esse modo, dizendo que:

Muitos falam contra os romances como leitura prejudicial à mocidade e pouco proveitosa como fonte de conhecimento. Porém, apesar de quanto se tem dito, continuam eles a ser lido ainda pela maior parte daqueles que reconhecem sua pouca importância, e formam quase exclusivamente a biblioteca das senhoras que dedicam algumas horas à leitura, não se contentando em cuidar somente de modas e enfeites. O que fazem, portanto aquelas que não querem restringir-se à vida insípida e material de dona de casa? Pegam em um romance e procuram uma agradável distração enquanto o corpo descansa. Infelizmente, porém o que elas muitas vezes aí encontram, são perigosas teorias que matam os são princípios de moral que beberam nas sábias lições maternas; terríveis paradoxos, confirmados por fatos imaginários, que se apresentando com os arrebiques dados por hábeis pincéis, e vistos à luz fantástica de uma imaginação exaltada, facilmente seduzem um espírito inexperiente (BETTENCOURT, 1885, p. 62-67).

Ainda que se tratasse de descrições feitas por adolescentes, povoadas de sonhos e fantasias, as imagens que faziam de si nos perfis publicados em jornais, revistas, carregavam as marcas que são deixadas pela influência da cultura que, de certa forma, impõe a maneira como os indivíduos devem se comportar numa determinada sociedade. Nesse caso, como as futuras mestras deveriam agir diante dos outros e do mundo, mas para ela foi diferente, pois quis seguir outra linha, não aquela reta de ser uma dona de casa e sim, uma dona de casa que além de escritora era mãe.

Nessa mesma linha de pensamento Geertz (1989), adverte que:

Assim como a cultura nos modelou como uma espécie única – e sem dúvida ainda nos está modelando – assim também ela nos modela como indivíduos separados. É isso o que temos realmente em comum – nem um ser subcultural imutável, nem um consenso de cruzamento cultural estabelecido (GEERTZ, 1989, p. 37-38).

Dessa maneira, os argumentos que outros autores fizeram de si, resultou em frutos de suas vivências na sociedade e, também, das aprendizagens elaboradas em trabalhos, que influenciaram em sua vida pessoal e profissional. Por tanto, Clarice Lispector se destacou em constante desempenho para atender tais percepções que caberiam em seu conceito, mas seria preciso compreender como se dá a formação da identidade de gênero, à luz da teoria feminista, mas isso tudo fez parte do seu dia a dia e ao final deu tudo certo, teve um bom entendimento e sua vida esposa, escritora e mãe ficaram em constante conciliação.

2.1 REFLETINDO HISTORICAMENTE SOBRE A ELEGANCIA FEMININA NA LITERATURA

A modernidade é um cosmo imanente.
Jakob Taubes

Uma grande observação que podemos fazer para essa grande reflexão histórica é a elegância daquela que podemos considerar um marco histórico na literatura, ou seja, uma autora que nos instituiu a um grande e inovado modo de ler e ver que na literatura não só leríamos mais um conto, ou romance e sim que através dele podemos exercitar todo o nosso cérebro.

Outro aspecto é a história da humanidade que nos auxiliam a revelar que foram delegadas às mulheres tarefas consideradas aptas à sua feminilidade e que se aproximavam, na verdade, das tarefas domésticas e das construções culturais de gênero sobre o significado da diferença entre feminino e masculino, pelas quais tarefas essas mulheres delegaram muito bem.

Sobre esse debate entre o gênero feminino e masculino Yunes (1998), entra em oposição e equivalência e ressalta dizendo que:

Temos ouvido reiteradamente que a história das mulheres é uma história de silenciamento e de interdição pela voz masculina, que desenhou certos estereótipos nem sempre preconceituosos, mas que quase sempre equivocadas, da condição feminina (YUNES, 1998, p. 158-159).

Se analisarmos, por exemplo, a história da arte desde a Antiguidade, observa-se figuras e imagens de variadas obras de arte que retrataram a vida familiar, encontramos sempre mulheres trabalhando, nas suas residências, que era considerado o seu espaço apropriado cuidando da casa, zelando pela família, cuidando dos filhos e filhas, cozendo, costurando, lavando roupas, fazendo remédios, ajudando na comunidade e isso tudo foi um símbolo profundo, pois as grandes mulheres não se abateram e sim fizeram com quê seus atributos femininos se exalassessem por todo o mundo, mostrando que cada mulher tem um potencial e diferenciado.

O debate do papel da mulher trabalhadora no cuidado com os filhos tornou-se central na atualidade. É inegável que há uma relevante sobrecarga de atividades para mulher no espaço público e privado, gerando um mal-estar, que entra em contradição com as atividades das mulheres, que já não aceitam pacificamente a chamada determinação biológica para a maternidade, mas muitas deixam de lado esse mal-estar e mostra que pode conciliar seu papel de mulher, casa, e trabalho. Com isso muitas ganham créditos, pois só as heroínas conseguem atribuir tantos trabalhos sem deixar nada de lado.

Em constantes atributos parecem que essas mulheres são de conto de fadas, pois muitas delas fazem seu papel muito bem, com isso Lajolo e Zilberman (1985), descrevem que:

São todas de estirpe simbólica: tecelãs, princesas, fadas, sereias, corças e unicórnios, em palácios, espelhos, florestas e torres, não tem nenhum compromisso com a realidade imediata. Participam de enredos cuja fabulação é simples e linear, dos quais emergem significados para a

vivência da solidão, da morte, do tempo, do amor. O clima dos textos aponta sempre para o insólito, e o envolvimento do leitor se acentua através do trabalho artesanal da linguagem, extremamente melodiosa e sugestiva (LAJOLO; ZILBERMAN, 1985, p. 159).

O paradigma feminista almeja desconstruir os estereótipos femininos e a ideia de que a mulher frágil por natureza nasceu para ser mãe e vivenciar o amor materno, devendo cuidar do filho, a vida inteira, considerando que esse tipo de amor é tido como incondicional e instintivo, mas muitos se esquecem de que muitas heroínas conseguem juntar o amor com o prazer, ou seja, conseguem fazer uma junção da família unida com o trabalho, para que tudo seja satisfatório em seu lar, sem deixar nada de lado, muitos se esquecem de que o gênero feminino pode muito bem ter atributos e viver em constante harmonia com o trabalho e seu lar.

Assim, neste sentido Badinter (1993), uniu-se com a ideia de que:

O amor materno é infinitamente complexo e imperfeito. Longe de ser um instinto, ele é condicionado por tantos fatores independentes da “boa natureza” ou da “boa vontade” da mãe que é preciso um pequeno milagre para que este amor seja assim como é descrito. Ele depende não só da história pessoal de cada mulher (pode-se ser uma mãe má ou medíocre de geração a geração), da convivência da gravidez, de seu desejo de ter a criança, de sua relação com o pai, mas também de outros fatores, sociais, culturais, profissionais etc (BADINTER, 1993, p. 67).

A partir da década de 1980, o movimento feminista integra na sua luta o reconhecimento e a defesa da diferença entre homens e mulheres. Ao lado da igualdade de acesso ao poder, propõe o valor da diferença pela busca de outra “ética”, de uma busca ou reconhecimento de outro “modo” ou “estilo” de exercer o poder e de estabelecer relações solidárias, de construir um perfil emocional específico nas relações familiares. Pois a “humanidade” precisa aderir de que a mulher já ganhou seu espaço e queira quer sim, queira quer não a mulher é uma vitoriosa, pois ela já vem desde muito tempo fazendo diferença no mundo aos poucos se destacado no mercado de trabalho.

E com isso a presença feminina torna-se maciça em todos os movimentos de luta, quer sejam eles sociais e/ou políticos. As identidades femininas e masculinas se constroem, articulando criativamente e/ou contraditoriamente a relação entre igualdade e diferença, mas muitas estão fazendo um papel muito bem feito e isso não é de hoje, grandes escritoras se destacaram no meio literário, pois se olharmos os antecedentes testificamos que muitas deixaram seu nome destacado.

2.2 O PROLONGAMENTO DA REPERCUSSÃO DE CLARICE

O ano era 1977. O mês, dezembro. Clarice Lispector fechava definitivamente as gavetas da memória e da imaginação para os que acompanhavam atentos a sua produção literária. Como de praxe, seu estilo já nos lembra a uma frase “Minha história é viver”, disse ela, segundo sua secretária e amiga, Olga Borelli, “e principalmente escrever”, assim continuou completando. Inúmeras homenagens à

escritora Clarice Lispector marcaram os 37 anos de sua morte, após 33 anos de trabalho de contínuo e singular processo criativo.

Tudo foi de grande surpresa, pois sua história de vida e trabalho foi um tema grande para a humanidade continuar a lembrar sobre quem foi Clarice Lispector, seu método de escrita e estilo de vida foi uma grande descoberta e avalanche para alguns novos escritores e para alguns que já acompanhavam seu trabalho e para aqueles novos que iam ainda conhecer, mesmo não a vendo mais.

Segundo Sartre (2000), ainda diz que entre Clarice e seus meios estratégicos a continuaram do mesmo modo e descreveu dizendo:

Nada mudou e, entretanto, tudo existe de outra maneira. Não posso descrever; é como a Náusea, e afinal é exatamente o contrário; enfim, sucede-me uma aventura e, quando me interrogo, vejo que me sucede que sou eu e que estou aqui (SARTRE, 2000, p. 72).

Assim como Clarice, estamos cientes também de que nas relações humanas os conflitos emergem não só de forma explícita, mas, de forma contundente, e de forma implícita. Os olhos, porém, veem de maneira diferenciada essas manifestações quando pouco sutis elas se revelam.

Em Clarice Lispector, percebe-se uma busca contínua da compreensão desses elementos que incitam as zonas de atrito da alma e nos colocam em estado de ansiedade e angústia diante do outro, isso quando estamos lendo ou pesquisando sobre um determinado assunto de seu trabalho, pois muitos não recomendam seus romances, mas poucos conseguem engrenar e fazer uma tática de todas suas histórias. Procurava ela coisas diferenciadas, a causa das insatisfações e incompletudes que tanto nos inquietam. E assim prosseguia em seu trajeto de pessoa em trânsito, ou em transe, pois suas buscas sempre resultaram em descobertas inesperadas e singulares para aprofundar a perplexidade do leitor que digere seu texto com espanto e prazer, prazer esse que só tem ao sondar suas obras.

Sobre seus trabalhos, sua amiga e fiel escudeira Borelli (1981), descreve como era a produção de suas obras e acrescenta sobre o desenvolvimento do seu trabalho e descreve como ela se comportava:

Esticava as pernas numa banquetta e dirigia o olhar para fora da janela, sem se deter no pequeno jardim de folhagens. Ligava então o pequeno rádio, sempre à mão, na Rádio MEC ou na Rádio Relógio, acendia um cigarro, colocava os óculos e anotava palavras ou frases. Às vezes era interrompida pelo telefone, atendia e falava longamente. Voltava à posição inicial ou ficava à espera. De repente, operava-se uma transformação: colocava a máquina no colo e com agilidade datilografava páginas e páginas até que, num redemoinho em que dava a impressão de estar se arremessando a si própria em cada palavra, tirava o papel da máquina com violência, colocando-o sobre a pilha a seu lado. Levantava-se, tropeçava na banquetta – era distraída e meio desajeitada – e dirigia-se à copa para pedir um cafezinho (BORELLI, 1981, p. 76).

Entre um cigarro e outro, entre um cafezinho e outro, as páginas de seus textos iam registrando suas reflexões sobre a palavra e a condição humana, e as relações entre uma e outra, em especial no universo do escritor, este ser para quem a palavra

é não só um elemento de subsistência, às vezes, mas a razão de existir e de expor com liberdade a extensão de seu olhar sobre o mundo. E essas palavras iam-se construindo seus romances, seus contos, seus textos, seus poemas e como toda escritora as palavras iam fluindo em sua mente.

Como muitos dizem: ser 'diferente' em literatura é percorrer um caminho ainda sem trilhas, sem rastros, e mais instigante que nos afaste dos modelos petrificados, do facilmente previsível e da mesmice enfadonha. Pensando em Lispector, a classificamos desse modo, uma pessoa com total diferença com os padrões "normais".

Ao romper com as formas prontas, com a representação simbólica preestabelecida, seja no espaço frasal, seja na classificação de gêneros - "gênero não me pega mais", afirmou Clarice -, ela reestrutura o contar, o fazer literatura e, assim, nos surpreende e seduz com seus escritos que oscilam entre o afirmar e o sugerir, deixando ao leitor a tarefa de acompanhá-la em sua busca insólita e introspectiva, e acima de tudo enriquecedora do modo em que muitos leiam seus escritos e de lá se tire bons antecedentes.

Essa sempre foi a sua busca: o momento de tocar a essência das coisas, do roçar do Eu com o absoluto. Instantes inapreensíveis quase, mas de grande intensidade e que despertavam as reações estéticas da escritora em suas experimentações linguísticas e literárias, que assim nos premiou com suas obras incomuns e personagens desconcertantes como Macabéa e G.H., ou elementos simbólicos como o ovo ou a barata, que desestruturam a nossa percepção do mundo real e nos conduzem para um labirinto metafísico e para um espaço desumanizado.

Para Nunes (1966), descrever sobre a obra Clariceana é: dizer sobre correntes filosóficas e continua a falar que:

A obra de Clarice Lispector, sem filiação doutrinária, sem dependência às correntes que confluem no terreno filosófico comum, convencionalmente chamado de existencialista, tem seu fulcro no primado da existência, individual e universal, primado esse que garante a tais correntes tão díspares, a unidade conceptual que efetivamente possuem (NUNES, 1966, p.43).

Pensando em suas grandes personagens, essas duas se encaixam como um divisor de águas, ou seja, duas personagens desconectadas com o mundo, com o seu estilo de viver e de ser. Onde o mundo para as duas seriam uma divisória do mundo exterior, uma muito pobre, outra muito rica e isso se tornou um tema histórico na literatura, marco visível aos leitores assíduos.

Com Macabéa, acompanhamos o seu trânsito por uma cidade não moldada para acolher as suas ausências: de perfil citadino, de urbanidade tecnológica, e de habilidade lexical. Macabéa é a nordestina de "corpo cariado", ou seja, uma pobre moça carente e deslocada, dotada de uma falta insolucionável, que só se completaria com uma morte estelar sob as rodas de um Mercedes amarelo; única forma de brilhar aos olhos dos transeuntes no asfalto de uma cidade que era precisamente o seu oposto porque, diferente dela, esta é maravilhosa e plena de encantos. Macabéa seria sem sobra de dúvidas uma pessoa podre no mundo infernal e imenso, como se estivesse ali, mas ao mesmo tempo fora dele.

Nesse mesmo pensamento Sartre (2000), continua a esclarecer esse fato de existência e diz:

O essencial é a contingência. O que quero dizer é que, por definição, a existência não é a necessidade. Existir é simplesmente estar presente [...] A contingência não é uma ilusão, uma aparência que se pode dissipar; é o absoluto, por conseguinte a gratuidade perfeita. Tudo é gratuito: esse jardim, essa cidade e eu próprio (SARTRE, 2000, p. 193-194).

Diferente também da moça pobre Macabéa, a personagem carioca G.H., de classe média alta, nos arrasta para um universo místico e metafísico. Do ápice de sua posição superior: a patroa, que elegantemente habitava uma cobertura, e solitária alongava o seu café da manhã, começa errônea e mentalmente a esculpir o “legado” com que Janair, a doméstica que a deixara no dia anterior, agora certamente a premiava: o seu quarto imundo. Os fatos contrários às suas expectativas e a repercussão desses fatos em sua mente, somados à aparição brusca e inesperada da barata - recurso metafórico linguístico -, a levam a uma imersão filosófica sem volta e sem limites, atingindo a transcendência do humano e a fusão com o impuro e o inumano.

No mesmo pensamento Varin (2002), escreve um pouco sobre G.H. e acrescenta que:

Escuridão. Sente-se a energia forte demais na origem do curto-circuito. Relâmpagos espocam do texto negro, seu primeiro romance escrito inteiramente na primeira pessoa. Este eu se anima do começo ao fim de A paixão segundo G. H. que se abre e se fecha com travessões. Quem é esse eu? G. H., escultora vivendo no Rio de Janeiro, representante do gênero humano, em pleno crescimento de alma. G. H. penetra no quarto da empregada, desertado há pouco. Encontra lá uma barata que vai esmagar contra a porta do armário. O incidente engendra uma descida vertiginosa ao abismo do inconsciente, concomitante a uma ascensão à luz do espírito (VARIN, 2002, p. 132).

Clarice nos revela sempre a face simbólica e enigmática de sua escritura, e nos desperta para indagações para as quais parece não haver respostas, ou uma única resposta, mas sim uma quantidade muito grande de possibilidades a que se pode chegar depois de longa e gradual inquietude, sem, contudo, visualizar com nitidez nenhum panorama, apenas seus fugidios contornos.

Nessas décadas sem Clarice, o silêncio, contudo, não calou a sua voz porque ela ressoa nas páginas de suas obras, ela continua a sussurrar em nossos ouvidos as suas indagações e com ela nós nos embrenhamos na mesma busca, ainda que muitas vezes, resgatando seu gesto, retornemos de “mãos vazias” e sempre de mentes cheias.

Ao lembrar-se dessa escritora sensível e que com seus escritos chocou muitos leitores, com uma narrativa diferenciada e surpreendente pela temática, pela estrutura de seus textos, com tudo a sua ousadia literária no campo do existencialismo foi adiante, ou seja, seus escritos ficarão sempre na memória de seus leitores assíduos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante ao tema abordado, Clarice Lispector foi um assunto muito interessante para se discutir, contudo esse fenômeno foi de muita irrelevância para a construção do presente artigo, pois quando se fala sobre elegância e sobre a literatura juntos dão-se um ar de liberdade e carisma.

Falar sobre Lispector é mostrar uma das melhores escritoras do modernismo, esse tema foi proposto para demonstrar que as raízes foram inevitáveis para tecer ponderações sobre a escrita.

Se for analisar toda a escrita podem-se notar a incompatibilidade gerada no fazer profissional a partir de uma exigência cada vez mais crescente do profissional para saber conviver com as diferentes escritas, ou seja, fugir do modo tradicional e elaborar novos modos, modos esses que serviram muito bem para a nova escola literária e principalmente para a escritora que soube elaborar novas linhas de escrita.

Assim, o que se buscou realizar com este estudo foi mergulhar em uma amostra de grandes emoções e apreender seus entendimentos sobre as relações de gênero, mostrando que a diversidade entre escrita existe.

Visualizando sua concepção de vida e as suas experiências em cada obra. Clarice tem um reconhecimento mútuo, e a importância desse tema ser trabalhado sobre a elegância de uma escritora renomada, porque seria um dos fatores que ajudariam ao mesmo a se conhecerem melhor e saberem conviver com a diversidade cultural.

4. REFERÊNCIAS

1. BADINTER, E.. **XY Sobre a identidade masculina**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1993.
2. BETTENCOURT, D. Ana Ribeiro de Góes. O romance: às senhoras portuguesas e brasileiras. In: **Novo almanaque de lembranças luso-brasileiro para o ano de 1886**. Lisboa: António Maria Pereira, 1885.
3. BORELLI, Olga. Clarice Lispector - **Esboço para um futuro retrato**, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1981.
4. CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 2. ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1970.
5. CÂNDIDO, Antônio e CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da literatura brasileira**. São Paulo, difusão Europeia do livro, 1971-1972. 3v.
6. CERVO, Amado luíz. **Metodologia Científica**. 6. Ed. São Paulo, SP: 2007.
7. FERRÃO, Romário Gava. **Metodologia Científica para iniciantes em pesquisa**. 3. Ed. Vitória, ES: Incaper; 2008. P. 250.
8. GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1989.
9. JOBIM, José Luís. **Iniciação a literatura brasileira** / José Luís Jobim, Roberto Acízelo de Souza. – rio de janeiro: ao livro técnico, 1987.
10. LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil brasileira: história e histórias**, São Paulo: Ática, 1985.
11. LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
12. LISPECTOR, Clarice (1977). **Entrevista concedida na TV Cultura a Júlio Lerner**. Disponível em: www.rioecultura.com.br/video_serie.asp?serie_cod=14 > Acesso em: 10 de abr. 2012.
13. LOURO, Guacira Lopes. Gênero: questões para a educação. In: BRUSSCHINI, Cristina; UNBEHAUM, Sandra G. (orgs.). **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo: FCC; Ed. 34, 2002. p. 225-242.
14. NUNES, Benedito. **O mundo de Clarice Lispector**, Manaus, Edições Governo do Estado do Amazonas, 1966.
15. PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.15, n.59, p. 9-27,1995.

16. SARTRE, J. P. **A náusea**. 10. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
17. VARIN, Claire. **Línguas de fogo**, São Paulo, Editora Limiar, 2002.
18. YUNES, Eliana. O feminino e a literatura (dita) infantil. In: JACOBINA, Eloá; KUHNER, Maria Helena (orgs). **Feminino/ masculino no imaginário de diferentes épocas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.